

Objeto e objetivos: Inỹ é como se autodenominam os grupos indígenas mais conhecidos na literatura antropológica como “Karajá”. As aldeias Inỹ estão localizadas na região central do Brasil (GO, TO, MT e PA). William Lipkind (1904-1974), antropólogo estadunidense, coletou em 1938 e 1939, cerca de 527 artefatos, sendo 264 classificadas como pertencentes ao subgrupo “Karajá”. Por cerca de 80 anos, a coleção esteve localizada no Museu Nacional (RJ), denominada por “Coleção William Lipkind”. Considerando os desafios da interação entre grupos indígenas e museus, bem como o recente incêndio do Museu Nacional e a destruição dos artefatos da coleção W. Lipkind, o presente trabalho é uma análise das *bykyrè* (esteira) do subgrupo “Karajá”, tendo como eixo central as peças da referida coleção registradas sob a numeração 28.686, 28.687, 30.833, 30.834, 36.541 e 36.542.

Metodologia: Durante a pesquisa, realizei trabalho de campo com professores Karajá do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena/UFV, em Goiânia-GO, e nas aldeias JK e Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal-TO. Dediquei minha inserção etnográfica a compreender a realidade contextual a que estão vinculadas as *bykyrè*. Em uma abordagem metodológica disposta a tentar “fazer da ‘participação’ um instrumento de conhecimento” (FAVRET-SAADA, 2005), submeter conceitos teóricos ao encontro etnográfico e identificar categorias analíticas na fala de Raquel Manakiru – principal interlocutora desse trabalho. Seguindo a indicação de Fabian (2010), que uma “etnografia de” é sempre também uma “etnografia com”, estabeleço um diálogo entre a coleção W. Lipkind, Manakiru, a *bykyrè* e os dados etnográficos, museográficos e bibliográficos relacionados aos trançados Karajá.



A tenda da terra era o céu, vazio e abandonado. Kynyxiwe [herói mitológico] fez crescer os cabelos da terra – as árvores. Eram as raízes que rasgavam o chão e os troncos que subiam ramificando-se em galhos que se cobriram de folhas aumentando as sombras. Depois brotaram as flores perfumadas que dão origem às florestas. **Outras plantas rasteiras inundavam as baixadas num emaranhado de folhas e flores, tecendo as esteiras com desenhos, tornando o chão macio.**

Burity palito (*Trithrinax acantocoma*). Fonte: RIBEIRO, 1986, p.286.

Peça 30.833 da Coleção William Lipkind (1938), categoria “Trançados”, nome “Esteira”. Fonte: Ficha Técnica, Museu Nacional – Setor de Etnologia, responsável Cecilia Ewbank.

Raquel Manakiru - professora da Escola Indígena Maluá e aluna do NTFSI/UFV - e a *bykyrè*. Foto: Marília C. R. Moraes, aldeia Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal (TO), Maio de 2018.

Trecho da narração de um *hàri* (*xamã*) Karajá sobre a criação do mundo. Fonte: PERET, 1979, p. 15-17 apud LIMA FILHO, 1994.

Resultados e conclusões: Em sua relação com a *bykyrè*, Manakiru demonstra que sua produção, usos e circulação fazem parte dos *fluxos* de aprendizagem, de produção dos ciclos de vida e de construção da noção de pessoa – questões importantes para ela, que decidiu trabalhar com a esteira em sua pesquisa de estágio. As esteiras estão presentes na narrativa mitológica da criação do mundo; na gravidez; na iniciação masculina (Hetohokỹ) e feminina (primeira menstruação); são utilizadas para realizar trocas, como pagamentos e presentes, nas brincadeiras das crianças e na morte. Na produção da *bykyrè*, o buriti, “grande supermercado de ideias”, oferece os materiais: o “olho” do buriti é separado em materiais chamados de palha – base da esteira – e seda – utilizada para tecer os feixes de palha. Para que possa ser feita, é necessário que a mulher saiba a técnica e o ritmo de sua tessitura, saiba tingir o algodão-do-mato e conheça os padrões de grafismos. A mãe e a avó, criam situações nas quais suas filhas e netas são instruídas a “cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim ‘pegar o jeito’ da coisa”. Nesse contexto sócio-ecológico-territorial (MURA, 2011), aprender é equivalente a uma “educação da atenção” (INGOLD, 2010). Como apontou Manakiru sobre a peça 30.833 da coleção W. Lipkind, as fotografias antigas e a escrita sobre as técnicas são importantes por que “ajudam a lembrar”, mas, é preciso “esticar aquele conhecimento”, assim como “os velhos vão fazendo e falando o

conhecimento”. O exemplo etnográfico da *bykyrè* mostra que descolar o objeto, analiticamente, de um lugar de fato consumado, para pensá-lo como parte de uma complexa *malha* de relações e sentidos, como propõe Ingold (2012), nos torna sensíveis a perceber o artefato para além das classificações museológicas e problematiza o alto grau de ignorância dos Museus em relação aos acervos. Nesse sentido, a construção de estudos etnográficos acerca de coleções/acervos deve assumir o compromisso político com uma “historicização radical e profunda”, propiciando “usos mais polifônicos e democráticos do enorme poder de representação de que os museus estão investidos” (OLIVEIRA, 2007); e respeitar a complexa *malha* de relações que dá sentido e designa a função e o lugar das *coisas* para os grupos indígenas.

Referências bibliográficas: FABIAN, Johannes. Colecionando pensamentos: sobre os atos de colecionar. *Mana*. Rio de Janeiro, v.16, n.1, p.59-73, abril, 2010. FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de campo*. São Paulo, n. 13, p.155-161, 2005. INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010. INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida. *Revista Horizontes*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. RIBEIRO, Berta. A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida. In: *Suma Etnológica Brasileira*. Darcy Ribeiro (editor) et al. Volume 2. Petrópolis: Vozes, 1987. LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Hetohoky: um rito Karajá. Goiânia: Editora a UCG, 1994. MURA, Fabio. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 17, n. 36, p. 95-125, dez. 2011. OLIVEIRA, João Pacheco de. O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI. In: *Tempo*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 73-99, 2007.